

O POVO DE AVEIRO NO EXILIO

ASSIGNATURAS
Europa : Anno. 12 francos
— Seis mezes. 6 —
Brazil e outros paizes : Anno. 18 —

HEBDOMADARIO Director : FRANCISCO MANUEL HOMEM CHRISTO HEBDOMADARIO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : 18, Rue Notre-Dame-des-Victoires, 18 - PARIS

A' BORDA DO ABYSMO

Affirmar que as circumstancias são gravissimas é já uma banalidade. Mas o que é certo é que se accumulam nuvens sobre nuvens no horizonte do nosso Portugal.

A mim custa-me muito, sempre me custou, convencer-me de que as nossas desgraças veem d'uma fraqueza de raça. Como é doloroso deprimirmo-nos a nós proprios ! Contra isso se revoltou o meu orgulho e ainda hoje se revela. Eu nunca me conformei com o processo, adoptado por immensos portuguezes, de dizer mal systematicamente da sua patria. Protestei contra isso munitas vezes. Mas a verdade impõe-se. Mas a evidencia é tão esmagadora que se chega a um ponto em que já não ha nada a objectar.

Eu digo : é do meio. E respondem-me : mas porque se não formou em Portugal o mesmo meio que se formou em toda a parte? Replico : porque o destino nos collocou n'um extremo da Europa, fóra da corrente das idéas, alheado do convívio dos povos civilisados. E o Japão? Pois o Japão estava menos afastado do que nós do fóco da civilisação? Pois esse grande paiz levanta-se da barbaria em sessenta annos, e nós ficamos-lhe atraz, nós que marchavamos ha quatro seculos na vanguarda da humanidade?

Insisto : somos incultos, não temos educação, ignoramos as coisas mais elementares. Como, tornam a dizer-me, se o que ha de peor em Portugal é justamente o que se diz mais culto e educado? Como, continuam, se os peores auctores das nossas desgraças são justamente os que andam sempre lá por fóra a passear?

O que apprendem elles por ahi? Veem peores do que estavam !

Isto é d'uma logica que esmaga. Realmente, elles sabem tudo o que vae cá por fóra. Toda a nossa vida é uma imitação, toda a nossa legislação é copiada. Não peccam em absoluto por falta de conhecimentos. Peccam mas é por falta de capacidade.

Será do pé de porco ? Será do paio com favas? O portuguez como muito, comidas muito grossas e muito pesadas. Pé ou orelheira de porco com feijão, paio com favas, bacalhau de toda a fôrma, iscas, desfeita, são as comidas da sua predilecção. E não se contenta com pouco. Come até arrebrantar ! Eu nunca vi o portuguez delirante senão quando lhe estala o cóis das calças em cima do jantar. Ora dizia o Brillat Savarin — era para elle um axioma — *dis-me o que comes e eu dir-te-hei quem és*.

Será do pé de porco ? A muitos, realmente, muitissimos, parece, quando os oiço, que lhes vejo, no cerebro... pé de porco a rabear.

E é talvez por isso que os republicanos são peores. Como se sabe, os republicanos comem mais pé de porco, mais orelheira e mais feijão que os monarchicos.

Seja como for, Bombardinos, Ligorios, Margaridos, são exemplares unicos na humanidade.

Para republicanos e monarchicos, tenho-odito mas não é mau insistir, não ha lições que valham. A experiencia, mestra da vida, não tem valor algum em Portugal. Invariavelmente se repetem as mesmas asneiras. Systematicamente se trilha o caminho do desastre. E' uma persistencia louca. E' uma cegueira obstinada. E muito custa a admittir, assim, que não seja, na verdade, um mal de raça.

Temos brincado com o fogo e foi a brincar com o fogo que nos surpreendeu a mais pavorosa situação que tem atravessado a Europa. Já se viu o respeito que merecem as grandes nações as pequenas nacionalidades. A Belgica, pela sua admiravel administração, pelo seu grande amor à liberdade, pelo seu extraordinario progresso, é uma das mais respeitaveis nações da Europa. Não obsteu a que a Alemanha a tratasse brutalmente, invadindo, a seguir, o seu territorio. Ficou mais uma vez assente que quando uma grande nação tem uma necessidade ou um appetite não ha direito nem razões sentimentaes que a detenham nos seus propositos. E se a Belgica se salvar, deve-o exclusivamente ao favor das circumstancias, que pozeram a triple entente do seu lado.

Bem differentes são as condições de Portugal. Nós somos, ao contrario da Belgica, uma nação desprezada. Não emociona o mundo, tenham a certeza, qualquer attentado contra nós. A Belgica não é aliada da Inglaterra e nós somo-lo. Mas tenham também a certeza de que a Inglaterra não declara guerra a ninguém por nossa causa. Vencerá a triple entente, não vencerá? Ninguém o sabe. Como ninguém sabe o papel que a Hespanha, durante a guerra, virá a desempenhar. Em todo o caso, nós estamos mal, ou vença a triple entente ou vença a colligação austro-allema. No primeiro caso, tudo são sombras. E todavia a nossa segurança seria absoluta se existisse a monarchia, e, sobretudo, se fosse vivo o rei D. Carlos. N'esta hypothese, teriamos, até, na Peninsula, uma situação preponderante. No segundo caso, isto é, vencendo a colligação austro-allema, perdemos as colonias, não sómente Angola, mas todas ellas.

Longe do campo das contendidas da Europa central, poderíamos levar uma vida tranquilla com um bocadito de tino para nos guiarmos. Com uma politica mais habil, não só não seríamos ameaçados pela Hespanha como teriamos, dada a nossa velha alliança com a Inglaterra, um papel mais brilhante do que ella nas luctas diplomaticas. Mas tudo compromettemos e perdemos com uma inepecia sem par.

Felizes de nós, se ainda saltarmos o novo precipicio que se abre a nossos pés !

Homem Christo.

"POVO DE AVEIRO"

Os motivos que levaram todos os jornaes de Paris a diminuir consideravelmente o seu formato e o numero de paginas, alguns reduzidos a meias folhas pequenissimas, foram-nos a fazer o mesmo no Povo de Aveiro. Tudo encaixei extraordinariamente. Mas, acima d'isso, pois tal motivo, atravez de todos os sacrificios, não seria para nós sufficiente, diminuiu extraordinariamente o pessoal typographico e d'impressão. Não ha operarios, arrastados quasi todos pela mobilisação. As officinas estão desertas. E forçoso se torna curvar a cabeça á força das circumstancias.

E' o que fazemos, até que possamos voltar á antiga. O Povo de Aveiro é impresso e composto n'uma das maiores casas de Paris. E assim, embora semanal, está sujeito ás contingencias de que são victimas os grandes diarios. Esperamos, porem, que, ao menos de 15 em 15 dias, enquanto durar a guerra, nos seja possível publica-lo com as quatro paginas habituaes.

Esta semana, porem, é impossível.

A' Ultima Hora

AS DIFFICULDADES SAO DE TAL ORDEM QUE NOS VEMOS FORÇADOS A INTERROMPER A PUBLICAÇÃO DO POVO DE AVEIRO, ATE QUE VOLTEM AS CONDIÇÕES NORMAES DE PARIS E DA FRANÇA. ESTE NUMERO SÓ POUDE SAHIR NO SABBADO E ASSIM MESMO A MUITO CUSTO.

ESPEREMOS MELHORES TEMPOS. BEM CONTRA VONTADE TOMAMOS ESTA RESOLUÇÃO. MAS É FORÇOSO. NAO HA OUTRO RECURSO.

A União

Continua-se a falar na indispensavel união dos monarchicos. E' um logar comum, como tantos outros, sem significação. A união não se faz com palavras, faz-se com factos. Ora os factos dizem-nos que nunca, desde o 5 d'outubro, — antes, nem falemos — houve a menor união entre os monarchicos. Nem a podia haver, desde que não ha união possível, como tantas vezes o temos dicto, sem que tenha por base os principios, e ninguém, com raras excepções, nem republicanos nem monarchicos, tem principios em Portugal. Se os tivessem os republicanos, a republica estaria consolidada. Se os tivessem os monarchicos, a monarchia estaria restaurada. Por não

terem principios os republicanos, é que foram possíveis os Ligorios. Por não terem principios os monarchicos, é que lavraram fundo miguelistas e coterias de toda a casta.

Não ha ordem, não ha disciplina, portanto não ha união possível, sem espirito de justiça, e de verdade. Ora o espirito que tem presidido e que preside a toda a politica portugueza é o espirito de coterie e o espirito de coterie é a mentira e a iniquidade.

Não se procura acertar em bem da justiça e da patria. Procura-se servir ambições e vaidades, interesses de bando e interesses pessoas. Portanto afasta-se tudo quanto tem intelligencia e caracter, porque nem o caracter e nem mesmo a alta intelligencia são compatíveis com a obra ignobil dos serventuários.

Poderia não haver os principios do caracter e haver os principios da intelligencia, que bastava. Eu já n'outro dia me expliquei aqui sobre este assumpto, n'um artigo intitulado o *caracter da intelligencia*, artigo cheio de verdade. O homem d'alta intelligencia comprehende e applica os principios da virtude mesmo sem ter grande caracter. Ora esses homens são inteiramente impossíveis nos bandos portuguezes porque a alta intelligencia não se avilta, não se degrada, submettendo-se à imbecil torpe mediocridade.

Na politica portugueza existe e existiu o *habildoso* e nunca o homem de larga envergadura intellectual. Ora os processos do habildoso são sempre mesquinhos, subordinados todos ao seu interesse pessoal e á sua vaidade, e por isso o habildoso nunca se cerca senão de trampoleiros, d'aventureiros, ou de patetas, promptos ao elogio mutuo, ao incenso, á graça, emfim, a obedecer e cumprir sem criticar. Posta de banda a justiça, lançada ao mais absoluto desprezo a verdade, retrahidos os homens de valor, tornada impossível a união sincera, quanto maior fôr o silencio em face das coterias que se esfaqueiam em segredo, ou perante as suas machinações tenebrosas, peor. Eu disse já em artigos anteriores, e hoje o repito no artigo *Zé E' Ella*, que o *Povo de Aveiro* prestou relevantes serviços e normalizou a situação, apesar da opinião contraria de Jayme Duarte Silva, conde d'Agueda e quejandos, assumindo a attitudie energica que todos sabem. Está no espirito de todo o mundo que sem isso o *gachis* creado pelos especuladores e pelos parvos continuaria cada vez mais embrulhado. Eu restabeleci o equilibrio, que se tinha rompido em favor dos especuladores de toda a ordem. Eu estimulei as energias. Eu guiei os sinceros. Eu aclarei a situação. Eu abri os olhos a muita gente que os trazia fechados. E forças novas se crearam.

Por um lado crearam-se novas forças. Por outro lado, os que tinham perdido o senso das conveniencias, os que já se sentiam estonteados com um facil triumpho, encolheram as garras, recuaram, cahiram na realidade.

Quando a união é ficticia, apparente, falsa, quando aquellos que a proclamam e exigem só tem em mira fazer viugar interesses de bando e de mando, servir paixões, repugnantes vaidades ou torpes interesses pessoas, a unica maneira de fazer vingar os bons principios, no todo ou em parte, é imo-los á má cara.

Quando os homens perdem a linha do decoro e do respeito pelos interesses geraes, não acceitam conselhos. Só entram na ordem, quando entram, mas todavia este é o unico recurso, á bordoadá.

De resto, continuamos a affirmar o que já ficou dicto no numero passado. O mais importante do que tinhamos a fazer, está feito. Entraremos n'um periodo de relativa calma, se as circumstancias, como esperamos, não exigirem o contrario.

Affonso Pirata

Agora chamam-lhe Affonso Pirata. Nós chamámos-lhe no Banditismo Politico Affonso Pilha. Donde se vê que quando não estão rigorosamente comnosco não se atacam muito. E assim se vae marchando na esteira da nossa velha campanha contra aquellos bandidos.

O Zé E' Ella!

O Zé E' Ella escreveu-me a dizer-me que andou dois dias em vão, por Paris, á minha procura, que se ausentava n'aquella noite, mas que ficasse eu certo de que havia de regressar para me tirar ou a pelle ou a vida. E muito glorioso com aquella bravata. Já se foi, o imbecil !

Se o mariola não nos fizesse rir e não vissemos n'elle mais um signal d'aquella espantosa decadencia portugueza, um exemplar grotesco dos fanfarrões e dos lesos que com tanta justeza definimos já no *Banditismo Politico*, provaríamos ao farçante que precisamente no dia em que nos escreveu, e na vespera, andámos sempre na rua. Seríamos indigno de nós mesmo se descessemos a medir forças com estes valentões ridiculos ; a dar a mais infima satisfação ás suas velleidades burlescas ou a alterar os nossos habitos em pouco ou em muito para comprazer a estes parvos reverendos. Sahimos quando temos que sair, ficamos em casa quando temos que ficar, e poderiam zurrar á nossa porta todas as bestas nacionaes que n'esse proposito continuáramos. Deu-se, porem, a coincidência, outra vez o affirmamos, de termos andado na rua justamente n'aquella quinta feira e no dia antecedente. Mas em vão o idiota nos procurou... n'este deserto de Paris !

O nosso primeiro impulso foi escrever á margem da carta, como fizermos a outro dia antes : *Vá... a Palmella*, e devolver-l'ha. Mas depois reflectimos que sendo elle bandido, e sicario, muito capaz de nos tirar a vida, como diz, grossa asneira seria largar da mão aquelle documento. Mas o que não fizemos por essa fôrma, fazemo-lo agora, publicamente. Nem outra resposta ha para um imbecil que nos diz, a nós, — que temos trinta e tantos annos de jornalista a demonstrar o contrario, que fizemos em Portugal uma campanha violentissima contra outros que mereciam e valiam, afinal, muito mais do que elle e tantos sucios como elle — que só de longe difamamos as pessoas de quem tememos um justo correctivo.

Não nos irrita, este farçante. Faz-nos rir !

Pois quando quizer, appareça. Sem fanfarrice. Não medimos forças, já o dissemos, com estes grotescos, que são a vergonha da velha raça portugueza. Temos o mais absoluto desprezo por estes ignobeis fanfarrões e pelas suas ignobeis fanfarrices. Mas, por isso mesmo, ai de nós, se, com medo d'elles ou para fugir d'elles, tivéssemos d'alterar os nossos habitos ou d'arrepriar caminho.

E eis de novo demonstrado o que ha a esperar das quadrilhas. A creatura de quem estamos tratando não tem valor nenhum. Mas no meio d'aquella corrupção, mas dada a immoralidade com que se faz o recrutamento dos partidos, onde só podem avultar e só avultam os serventuários e os rabiscadores do elogio mutuo, é lamenha a ambição e a vaidade que se apodera dos mais medio ceros que combale-las ou contraria-las é incorrer n'um crime.

Conhecemos este Zé E' Ella, e conhecemos o todo o mundo, a fazer á republica pouco menos do que está fazendo á monarchia. Foi o defensor entusiasta dos marinheiros. E os seus ouvidos demagogicos offendiam-se de tal modo com os ataques violentos aos republicanos, que, como já dissemos n'um dos artigos do numero anterior, nos devolveu o *Povo de Aveiro*, que recebia gratuitamente. Pagou-o depois, porque, indignado com a sua conducta, lhe escrevemos a dizer que não tendo nunca sua excellencia sido directa ou indirectamente offendido pelo *Povo de Aveiro*, e havendo sido sua excellencia quem o pedira, sua excellencia de certo se esquecera da gentileza com que procederamos não lhe mandando jamais cobrar a assignatura. E, n'este caso, devolvido o jornal sem uma palavra d'explicação ou cortezia, sua excellencia só ficaria bem collocado mandando-o pagar desde o primeiro dia em que o recebera. Que o não diziamos por nós, pois, evidentemente, ainda que a gazeta lhe fosse enviada pelo interesse, que não era, mais assignatura menos assignatura paga n'um jornal que tinha tantas, pouco importava. Diziamos-l'ho por elle.

Embuchou e pagou.

Devemos notar que a nossa indignação

era tanto mais justificada e legitima quanto os chefes republicanos, elles mesmos, procediam d'uma maneira bem differente. João de Menezes, tantas vezes castigado por nós com dureza, nunca devolveu o *Povo de Aveiro* que ha muitos annos lhe enviavamos gratuitamente. Nunca o devolveu Pazilio Telles. Nunca o devolveu Aurusto de Vasconcellos. E outros. Fomos nós que, por fim, mas passado muito tempo, lh'o suspendemos, entendendo que n'essa altura, desde que nós os atacavamos e elles já tinham conhecimento dos ataques, era um dever.

Vê-se, pois, que o nosso Zé E' Ella era então mais republicano que os republicanos e soffria do sectarismo demagogico levada ao extremo.

Com estes precedentes, e sabendo que não havia senão bugalhos n'aquella cabeça, não foi sem um sorriso de desdem que vimos apparear arvorado em chefe realista o Zé E' Ella. Que elle mudasse d'opinões, vá. Não é deshonra para ninguém. Pelo contrario, é muito louvavel quando se faz sinceramente. Mas chefe, director do protocollo, mestre de ceremonias, Logar Tenente intellectual, Napoleão de gesso, era ridiculo. Comtudo, e á parte duas palavras de critica amena ao seu celebre manifesto aos emigrados, nada lhe díssemos até apparear o *Diario da Manhã*.

Apparecido este, ainda nos limitámos a criticar a incoherencia, o vazio das idéas, a palermice, o logro que para todo o mundo representou essa gazeta. Não houve n'esse ponto duas opiniões differentes. Amigos e inimigos concordaram que foi o mais formidavel desastre jornalístico que desde o tempo de Jehovah, se tem dado em terras portuguezas. Todavia, só depois do mariola nos chamar *republicueiro*, e infame a soldo d'argentarios, lhe appliquei no lombo o latigo da minha indignação justissima. E agora até o tenho, horrendo, fero ingente e temeroso, a pretender... *tirar-me a vida*.

Pois cá te espero, bandido. Entretanto ir-me-hei desiludindo, ainda mais, e apprendendo. Apprender até morrer, diz o dictado, e é certo. Ha muito tempo que eu digo que a monarchia restaurada será peor, muito peor, que a monarchia derribada. Mas começo a perguntar a mim proprio se não será peor que a republica !

Os republicanos trataram-me mal, muito mal, mas, já uma vez aqui o disse e torno a repeti-lo, eu ataquei-os em *globo e em globo*, a todos, lhes fiz um mal terrivel. A minha campanha contra elles foi a mais tenaz, a mais implacavel e a mais dura de quantas se tem feito no paiz. Entre os monarchicos, limitei-me a não concordar com os seus erros, a divergir dos dislates que os tem levado e levam á ruina, a repellir os falsos idolos, e, por fim, a acabar com um conbuelo indecente. Fui eu, não cessarei de o dizer, e só eu, que coagi aquella corja a falar no nome do Senhor D. Manuel, pois, até ahi, só a medo o faziam. Fui eu que os obriguei a defender e exaltar o prestigio real, que andava enxovalhado, enlameado, coberto de desprezo. Fui eu que tive a coragem, e só eu, de romper com o miguelismo, de o pôr no seu logar, de lhe abater a prôa, restabelecendo um necessario e indispensavel equilibrio. Fui eu que o obriguei a recuar nas suas pretensões insolitas, a pôr de parte as suas affrontosas e insolentes arremetidas, a moderar os do accordo até ao ponto de já negarem publicamente o cambalacho. E fui eu, e só eu, que impedi que o Teixeira de Souza e o Alpoim viessem a sêr, de novo, duas esperanças. Quer dizer além dos relevantissimos serviços que prestei aos monarchicos em geral, exaltando os republicanos mesmo antes d'estes irem ao poder, e de tal modo que de então até hoje os que os combalem pouco mais tem feito que repetir as minhas accusações e os meus argumentos, prestei aos manuelistas, que, accorados, tinham medo d'investir com os migueis, e á causa da restauração que com o Alpoim e o Teixeira de Souza ficaria deshonrada, o enorme serviço de os livrar de formidaveis embaraços. Pois, em paga, uns reprehendem-me como o sr. Jayme Duarte Silva e o celebre conde d'Agueda ; outros ameaçam-me, como Moreira d'Almeida, de me expulsar, como se eu alguma vez mostrasse desejos d'entrar n'ella, da sua monarchia nova ; e outros promettem... tirar-me a vida em represalia ! Isto tudo estando eu proscripto, enquanto elles, os martyres, os martyres e os heroes, levam vida regalada !

Sem a caridade de dois ou tres homens generosos, pois á tal causa nada devo, a não ser coices e maus tractos, eu teria morrido de fome. E é do *Majestic*, o opulento hotel dos ricaoços, que um mariola sem vergonha, incapaz de se defender com a sua penna, irritado, não pelas palavras injuriasas que eu lhe possa haver dirigido, mas por lhe ter deixado a nu toda a sua miseria intellectual, demonstrando, n'uma argumentação cerrada que o borrobatas pouco mais era do que parvo, e é do *Majestic* que o pedante, o ridiculo snob, promette, no seu regresso a Portugal, voltar a Paris para me executar... as orelhas ou a vida.

Bandido ! Bandidos !

Que mais valem que os outros ?

Quem é o ingenho, que ainda espera sombras de liberdade ou de justiça da monarchia restaurada ?

O aspecto de Paris

O que eu nunca esperei foi que Paris chegasse a dar-me impressão... d'uma aldeia muito grande. Diminuiu nas ruas o numero dos homens consideravelmente, partidos para a guerra, e diminuiu o numero das mulheres, que ficaram em casa lastimando a ausencia dos filhos, dos irmãos, dos maridos e dos paes. Desappareceram os automoveis e os omnibus, apanhados pela mobilisação. Pararam quasi todas as linhas do metro, por falta de pessoal, e por falta de pessoal, que reuniu aos regimentos, fecharam muitas lojas. As poucas linhas do metro que funcionam interrompem a circulação ás 7 1/2 da noite e ás 8 encerram as portas os cafés. Emfim, quem viu Paris não a conhece, E' interessante a transição.

Toda a gente sabe o que é o Bosque de Bolonha ao domingo, n'uma tarde de sol. Pois domingo passado estive lá. Um deserto ! Umas duzias de pessoas e raros automoveis que passavam.

Como não ha meios de transporte, como estão fechados os cafés, á noite pouca gente sahe á rua. E os raros transeuntes, sentem os echos dos passos, como nos cemiterios. Ou como em Aveiro, na minha rua d'Arnelhas.

Emfim, quem conheceu Paris, não a conhece.

Estás lá ou és de gesso?

A República pergunta se o Bombardino quer ficar no governo, continuando a affrontar com a sua presença a nação, que o detesta e o repelle.

Ora valha-o Deus. Ainda pergunta ao Bombardino se elle quer ficar no governo !

Deseja ainda saber qual a opinião dos seus collegas no ministerio, concludindo perguntar : « Solidarizam-se elles com o corruptor sem escrupulos que offereceu 40 deputados para uma fraude eleitoral » ?

Se é com esses processos que espera derribar o governo, pode limpar a mão á bola !

OS PATRIOTAS

Ha muitos dias que não recebemos jornaes portuguezes. Não chegam cá, e o que nos succede a nós succede a outros dos nossos compatriotas. Ou é o governo francez que não deixa entrar jornaes estrangeiros, ou a falta de pessoal nos correios, falhos d'embarcados, como todas as repartições publicas e particulares em França, consequencia da mobilisação, não permite que a sua distribuição se faça em dia. Emfim, e seja qual for o motivo, o facto é que não chegam á nossa mão jornaes portuguezes ha muitos dias. Vemos, porem, nos telegrammas dos jornaes francezes, que o Bombardino convocou todos os chefes de partido para lhe pedir paz e concordia, no transe doloroso que o mundo atravessa, em nome do... patriotismo.

O grande bandido !

Aqui, em Franca, para haver mais intima solidariedade entre todos os francezes, decretou o governo medidas extraordinarias de perdão e esquecimento. Houve amnistia para os desertores, foram annullados os ultimos decretos contra as congregações religiosas, e outras medidas semelhantes. Em Portugal succede justamente o contrario. Não só

continuam de pé todas as medidas d'exceptação, como até o Machado dos Santos já ameaça liquidar os chefes monarchicos... no dia do juizo!

Bombardino dirigiu-se aos chefes republicanos. Mas não se dirigiu, nem por actos nem por palavras, aos monarchicos, que elle classificou d'escrocos, e os seus órgãos de pasquins. D'esta forma elle não só autorizou, como incitou os monarchicos, a recorrerem a processos violentos. Era da paz dos monarchicos que sobretudo precisava o regimen. Propondo-lhes treguas, não só não se rebaixava como se elevava a creatura que preside ao ministerio actual. Não se lhes querendo, porém, dirigir directamente, podia conciliar a sua boa vontade e desarmar-lhes d'uma forma indirecta com medidas analogas ás que tomou agora o ministerio francez.

Fez e fazemos todos o contrario. As palavras d'odio são cada vez mais ferozes nos labios dos bandidos.

Pois sua alma, sua palma. Assim o querem, assim o tenham. Os monarchicos, alem de não deverem desarmar momentaneamente, concedendo as treguas que seriam legitimas se não lidassem com bandidos, devem, ao contrario, redobrar d'actividade e energia.

Arrogancia e insolencia

O que produz a arrogancia e a insolencia!

A Allemanha atravessa uma crise difficil, muito difficil, não pelo enorme desenvolvimento da sua marinha mercante, do seu commercio, da sua industria, de todas as suas forças vivas, mas pela sua arrogancia e pela sua insolencia. Com mais brandura, mais respeito pelo direito e pela liberdade chegará onde chegou, ao apogeu da força e da riqueza, sem correr o risco de ver cair a seus pés tudo desfeito n'um momento. Teria adquirido amizades, pelo menos sympathia. Mas arrogante, insolente, brutal, ameaçando céos e terra, calcando aos pés a liberdade e desprezando o direito, só concitou odios, más vontades, desejos de desforra e de vingança. E na hora perigosa, encontrou-se sozinha, em face de quasi todos os povos, ou revoltados contra ella, ou manifestando pelos seus adversarios a mais viva sympathia.

Mal comparado, é o que succede em Portugal aos miseraes que derribaram a monarchia. Com algum respeito pela liberdade e pelo direito, e com algum tacto governativo, haveriam desarmado as ligeiras más vontades das primeiras horas, consolidando fortemente a republica. Teriam atrahido as sympathias geraes do paiz. Mas a insultarem, a cuspirem e a escoicearem todo o mundo, a praticarem os maiores attentados contra a liberdade e o direito, atrahiram odios invenciveis. E, agora, só por um duello de morte, como entre a França e a Allemanha.

No dia em que apparecer contra elles um nucleo forte de resistencia, cahe-lhes tudo em cima.

Cordeal Malandro

Sob o titulo *Bernardino Fica*, lê-se no órgão do sr. Antonio José d'Almeida:

Não há memoria na politica portugueza de maior impudor. Não há recordação de mais espantosa insensibilidade. Desfeito pelo Parlamento, que não conseguiu funcionar regularmente, e condenado pela opinião publica, justamente enojada de tudo quanto se passa — o sr. Bernardino Machado teima em ficar no poder.

Tem um filo unico o chefe do governo: assaltar a presidencia da Republica, onde pretende ir luzir a seu eterno chapéu alto e a sua cordialidade ridicula. E para isso, não hesita diante dos meios a seguir: torna-se um servidor humilde e rasteiro do sr. Affonso Costa, roja-se diante do sr. Brito Camacho, despacha para o Brasil o sr. Duarte Leite, faz embarcar para Buarcos o sr. dr. Manuel de Arriaga, mexe-se, ferve, irrita, submete-se a uns, faz promessas a outros, embrulha e complica tudo.

Pode dizer-se que este homem é o verdadeiro andorilho da intriga politica. Um velho politico, no dia em que o sr. Bernardino Machado regressou do Brasil, dizia-nos, atarrado:

— Hoje, ainda todos nós compreendemos a situação. O momento é grave, mas compreensivel. Amanhã, já não poderemos dizer o mesmo. Amanhã, já ninguém se entenderá neste país. Chegou sua magestade a Intriga.

Tinha razão esse velho. O impudor politico nunca foi maior. A insensibilidade politica não atingiu nunca este caracter agudo de desfaçatez. A hipocrisia nunca se mostrou tão ovante nas regiões do poder.

Em qualquer outro país a situação não precisaria de ter assumido esta violencia. Nenhum estadista teria o bôjo bastante para as cabriolas politicas, realmente indecorosas, com que o sr. Bernardino Machado anda a sustentar-se na corda bamba do poder.

Aqui, é isto que se vê... O sr. Bernardino Machado não se resigna a cair de pé, ainda com uns restos de autoridade. Quer que o deem abaixo, aos encontros, como quem expulsa um comediante incómodo...

Pois assim seja. Será triste, será desolador, mas será também absolutamente indispensavel.

O maior malandro d'aquella terra, como, sempre temos dicto, é que elle é.

A GUERRA

Como previamos no anterior artigo, está, enfim, a guerra declarada. Não era uma previsão errada, nem, felizmente, sem termos parentesco nenhum com a Madame de Thèbes, as costumamos fazer erradas. Não somos adivinhos. Mas temos a capacidade sufficiente para raciocinar. E sendo a guerra europeia, como era, mais tarde ou mais cedo, em todo o caso n'um praso muito curto, um facto inevitavel, desde que a Austria deu o passo de declarar guerra á Serbia, era facil de ver que havia um plano premeditado, no sentido manifesto de precipitar o grande facto. Todos os optimismos dos que, desde esse momento, ainda manifestavam convicções de paz, pelo futil motivo de que a guerra geral mettia medo aos mesmos que a preparavam, eram mal fundados.

Está, pois, a guerra declarada, e hoje, ainda mais do que ha oito dias, pois já a semana passada o diziamos, entendemos que o jogo da Allemanha é muito arriscado.

No drama da nossa vida faltava ainda vermos de perto, na capital d'um dos estados protagonistas da tragedia, este formidavel acontecimento d'uma guerra mundial. E chamamos-lhe mundial, porque se as colonias inglezas enviarem tropas á metropole e o Japão der, como se diz, auxilio á sua alliada, não fica o conflicto circumscripto á Europa. Tinhamos nós dez annos quando se deu a guerra de 1870. Apesar de tão curta idade, devorámos nas gazetas então mais lidas em Aveiro, o *Primeiro de Janeiro* e o *Diario Popular*, os seus mais infimos detalhes. Lembra-nos de tudo, como se fosse hontem. E eis-nos aqui — quem o diria! — assistindo em pessoa ao segundo acto.

O espectáculo de Paris tem sido admiravel. As grandes manifestações antimilitaristas que as prophcias agourentas annunciavam, a greve geral, a opposição sangrenta dos socialistas, os attentados barbaros dos anarchistas convertem-se n'um *élan* patriótico que ficará como um dos titulos mais honrosos d'esta patria. Não ha uma nota discordante, uma só mancha n'essa affirmação gloriosa dos mais puros sentimentos patrióticos. O que eu sobretudo admirei foi a calma d'este povo que o mundo inteiro se habituou a considerar cheio de nervosismo e exaltado. Calma que os periodicos registam e de que estes proprios são um exemplo notavel. Não ha um exagero nas suas affirmações, uma incitação nas suas palavras. Fulminando mesmo os attentados brutos, offensivos do direito e da humanidade, que vem praticando os allemães, não empregam tropos inflamados. Elles dizem, e muito bem, que todas as fanfarronadas provam fraqueza, e são indignas de todo o povo e de todo o homem que tem consciencia da sua força e da sua dignidade. As mulheres, resignadas, engolem as suas lagrimas. Os homens, corajosos, não dão signal de tristeza e marcham de cabeça erguida e passo seguro para o campo de batalha onde tantos ficarão, para sempre, sepultados!

O que seria, o que seria, no nosso Portugal!

Não que eu considere o portuguez covarde. Mas é um fanfarrão, um nevrotico, um desequilibrado! Berrava, gesticulava, ameaçava, n'um espectáculo de impotencia desordenada! Só vendo o que se passa agora em França, só lendo as gazetas francezas e as nossas, se pode avaliar, como a respeito d'outras coisas eu já venho dizendo ha muito tempo, a nossa inferioridade. Todavia, para dizer mal e desdenhar o portuguezinho é de primeira ordem. Pelas suas sentenças, a França já estaria morta e enterrada!

O desfecho da guerra ninguém o pode prever. Mas desde já se confirma uma parte das affirmações que aqui fizemos na quinta feira passada. Em toda a França desapareceram as luctas intestinas. Em toda ella reina a mais absoluta unidade. Do mais alto ao mais baixo, do mais conservador ao mais revolucionario, em todos existe a consciencia de que é uma lucta de vida ou de morte para a patria. E' uma guerra nacional bem caracterizada. E a força moral que d'ahi resulta é enorme. Essa é uma das grandes vantagens, sobre a Austria e a Allemanha, da França, da Russia e da Inglaterra, as tres nações aliadas. Em todas estas a guerra é popularissima e representa mais alguma coisa que uma façanha militar. A Allemanha é guiada por intuitos de conquista, pelas aspirações pangermanistas, que não dão aos homens o sentimento inflamado que advem com a consciencia de que se defende a liberdade, o direito, a honra e a existencia do lar. E' esta consciencia que faz com que o anarchista francez se bata ao lado do reaccionario. E' ella que leva Gustavo Hervé, o impenitente e feroz antimilitarista, a pedir um lugar entre a primeira fleira de combatentes que o teutão brutal encontrará ao pisar o solo sagrado d'esta patria. E se esse sentimento é mais vivo, naturalmente, entre o francez, pelos motivos que todos sabem, não deixa d'existir, profundo ainda, no coração dos seus alliados. Es-magar o allemão é para o russo libertar a sua raça. E sabe-se quanto este ideal

agita a alma dos eslavos. E' para o inglez salvar o predomínio da Inglaterra do unico perigo que a ameaça. E tudo isto dá entre as tres nações uma especie de caracter de guerra santa, como dizem os jornaes francezes e muito bem, á grande lucta que se prepara.

Não sei pois, outra vez o digo, qual será o desfecho da tragedia. A Allemanha tem um grande exercito. Mas parece-me que nem o genio de Napoleão, transmittido ao imperador Guilherme, e sendo as guerras da actualidade bem diferentes do que eram no tempo napoleónico, salvaria a Allemanha das difficuldades que a assoberbam de todos os lados. A Allemanha tem um grande exercito. Mas um grande exercito tem a Russia, um bom exercito tem a França e tem a Inglaterra uma formidavel esquadra. Podem a Austria e a Allemanha resistir ás forças reunidas da Russia, da França, da Inglaterra, da Serbia e da Belgica? Não creio. Todavia, *Deus super omnia*, como nos almanachs.

INTERESSANTE

Machado dos Santos publica no *Intransigente* um artigo que muito convem archivar. Eis a parte mais interessante d'esse artigo, e que se refere á tão falada entrevista entre Santos e Bombardino:

A entrevista foi a um domingo — o compromisso solenne foi tomado na terça-feira seguinte, á noite, em casa de s. ex. e d'ele foram testemunhas os ex.ºs srs.: Carlos Gomes, Custodio Névoa, José Maria Alvares, Ladislau Pigarra, Manoel Carocha, Mario de Carvalho e Vilor Peres. Nem exigimos ministros, nem governadores civis, nem administradores de conselho, nem regedores. Nem exigimos do sr. dr. Bernardino Machado que nos fizesse deputado ou senador — nada! absolutamente nada que representasse um beneficio para mim, ou para os meus amigos, pessoal ou politico.

— O sr. dr. Bernardino Machado jura que isto se passará assim, assim?

A um gesto de cabeça de s. ex., nós, virando-nos para os circunstantes, diziamos: meus senhores, são testemunhas que o sr. dr. Bernardino Machado jurou.

Das condições impostas houve apenas uma a que s. ex. não anuiu: as eleições na segunda quinzena de outubro. — O chefe do governo disse que se havia comprometido em realisá-las em setembro. Como se sabe já o acto eleitoral deve realisar-se no dia 1.º de novembro.

Mas, que condições impostas eram essas que s. ex. jurou satisfazer, porque eram do seu programa ministerial, como disse? 1.º A questão de Rodam seria resolvida de harmonia com os interesses nacionaes. A Republica não dá o exemplo dos seus funcionarios para aproveitarem o valor dos seus cargos para obterem concessões do Estado. 2.º Os ministros extra-partidarios dispensariam a colaboração do seu colega do fomento que tivera a ingenuidade de assinar a concessão.

3.º A colaboração do ministro da justiça seria também dispensada, por se ter manifestado desfavoravelmente para o ministerio a que pertencia, no congresso do seu partido na Figueira, e para acabar de vez com o que por ali se diz de que a pasta da justiça é um feudo d'um dos chefes de partido.

4.º O governo para garantir a sua imparcialidade perante as urnas, não consentiria que os nomes dos ministros entrassem em listas partidarias, devendo apresentarem-se ao eleitorado como candidatos da União da Agricultura Comercio e Industria, por ser uma colectividade absolutamente extranha á politica.

5.º O governo mandaria reabrir imediatamente todas as associações de classe que foram encerradas ou dissolvidas pelo seu antecessor.

6.º O governo, fechado o parlamento, substituiria imediatamente todas as autoridades administrativas para não dar ao país a impressão de que quem mandava ainda era o sr. dr. Affonso Costa e não ele.

7.º O sr. dr. Bernardino Machado só entregaria a pasta da justiça a um magistrado que nem de longe pudesse inspirar suspeitas de ser partidario ou amigo do sr. Affonso Costa, mas que fosse da absoluta confiança do presidente do ministerio, para que este pudesse realisar a sua obra de acalmarção, de paz.

8.º O governo mandaria instaurar o competente processo disciplinar ao juiz da Boa Hora que foi accusado em pleno parlamento e substituído immediatamente no seu juizo por outro magistrado que se reconhecesse possuir os mesmos predicados que se exigiam para o titular da pasta da justiça.

9.º O governo daria a preferencia á politica de fomento, da riqueza nacional, á politica economica, não indo além das despesas militares do que já estava orçado.

10.º O governo, para garantir de futuro a tranquillidade nas ruas de Lisboa, desfazer quimeras de idealistas sem bases scientificas, mostrar ao povo da capital que a Republica começava a interessar-se pelo seu bem-estar, entraria em negociações com o Senado da cidade para a demolição metódica dos seus bairros insalubres, Alfama, Mouraria, Madrugada e Alicantaria, e construção de novos bairros, onde o anarchista pudesse tornar-se proprietario mediante um pequeno aumento nas rendas, devendo os recursos saírem d'um melhor ajustamento das contas do Estado com a camara, se já no primeiro anno não fosse possível entregar-lhe integralmente o que a ella pertence, caso não conviesse desfalcá-lo muito o superavit.

11.º Não permitir que os assaltantes de jornaes, os violadores da propriedade, os insultadores e arruaceiros de profissão possessem continuar a exercer impunemente as suas tropelias, a coberto da autoridade. Houve ainda uma outra condição imposta que dizia particularmente respeito a dois politicos e que tendia a evitar que a propaganda eleitoral fosse como que um mar de lama a escorrer que ameaçasse o país de se afogar n'uma esterqueira. Assim como houve mais uma que interessava a um criminoso celebre e que tendia ao mesmo fim.

Como se vê, não exigimos do sr. dr. Bernardino Machado nem que esfacelasse o Partido Democratico, nem que mettesse na cadeia como gatuno o sr. dr. Affonso Costa.

Amanhã diremos como o sr. dr. Bernardino Machado satisfaz os seus compromissos.

Como achamos demasiado critico este momento historico e não queremos de futuro carregar com responsabilidades que nos não pertenciam, esta incondição é necessaria até para que se não diga que nos deixámos comer por tollos.

A que miseria...

Escreve a Republica:

Como é sabido, o sr. Affonso Costa e o sr. Bernardino Machado, aliçados para opprimir e vexar este desgraçado país, emigram o ultimo dia de reunião extraordinária do congresso para realizar várias demarches no sentido de haver á noite sessão no Senado para se aprovar a segunda edição da ignobil porcaria, de que o sr. Affonso Costa foi o autor e que o sr. Bernardino Machado rubricou.

Era preciso arranjar senadores que fizessem número. Compraram-se-lhes se os houvesse que se vendessem. Arrastaram-se-lhes pela lisonja, pedido instante ou pela ameaça visto não haver quem se vendesse...

Bateram a todas as portas e uma delas foi a do velho democrata Magalhães Lima.

Este republicano de sempre, dedicado e sincero como poucos respondeu secamente estas palavras que parecem entalhadas em bronze: *«Ao cabo de 40 annos de serviços á minha Patria e á causa da Republica só se lembram do meu nome para... muita de reforço! Não! Não praticarei tal ignominia! E se continuarem a tratar-me assim abandonarei para sempre o meu País!»*

Nada mais é preciso acrescentar a estas palavras que escaldam como agua fervente e que seriam o bastante para tirar a pele aos dois protagonistas da grande farça, se um deles não tivesse a couraça impenetravel dos paquidermes e outro a revestidura gelatinosa dos moluscos.

Que essas palavras fiquem todavia como uma formula de protesto desses desiludidos republicanos, que sem se sentirem, já, dispostos a combater, protestam ainda em nome do velho ideal vencido e acinhalhado.

A que miseria isto desceu!

E' certo : a que miseria... aquillo desceu!

Ainda a Formiga

Continuando nas suas revelações, escreve a Vanguarda:

O caso que Alberto de Mesquita, ex-chefe da famosa quadrilha de bandidos, dirigida por Daniel Rodrigues, vem hoje denunciar ao publico, é d'aquelles que para sempre atiram para o lameiro infecto das maximas ignominias, quem tem o arrojo de o levar a effeito.

Daniel Rodrigues, ex-governador civil de Lisboa, para seu eterno opprobrio e no intuito de satisfazer os seus cruéis instinctos, não hesitou em socorrer-se do falso testemunho d'uma conhecida gatuna, com largo cadastro na policia.

E quem era essa gatuna? A celebre «Geraldinha 2ª», com largo cadastro na policia!

Parece impossivel — mas é verdade! Ora, quem tão baixo ousa descer — não merece, não pôde merecer — a consideração de ninguém.

Muito pelo contrario.

Daniel Rodrigues, entendendo-se, *cumplicando-se com uma gatuna* — com uma gatuna, note-se! — não merece, não pôde, não deve merecer — repetimos — a consideração de pessoa alguma que prese a sua dignidade.

Nem, ainda, certamente, a de qualquer bandido — que não tenha descido o ultimo degrau das maximas infamias!

Demos, porém, a palavra a Alberto Mesquita.

Vejamos o que elle hoje nos diz: Escreveu-me para esta redacção um ex-formiga, a fim de me recordar certa passagem do terrivel bando.

Podia ser muito bem que outra qualquer me passasse pela malha; mas esta não passaria assim, com facilidade, por ser um dos casos em que entrou uma conhecidissima gatuna.

O caso é repugnante; mas, no entanto, tem um pouco de comico, e senão vão ver.

O anno passado fui procurado na rua das Farinhas, 44, 1.º andar, onde ao tempo residia, por José França Borges, que ia de automovel com uma mulher.

Como não me encontrasse ali, foi o referido França Borges procurar-me a casa do regedor de S. Christovam, e como ainda ali me não encontrasse, foi á drogaria Dias.

N'esta ultima casa, onde também me não encontrara, deixou o dito França Borges recado a um conhecido deputado e director d'um jornal diario para que estivesse eu á porta do Café Petit Suisse, na rua do Jardim do Regedor, o que elle fez, assim que commigo se avistou.

Logo que recebi este aviso, encaminhei-me para a porta do dito Café onde, passado algum tempo, me appareceu o referido e illustre secretario do mano Daniel, de automovel, o qual mandou immediatamente parar, fazendo-me signal para entrar para o carro. Subi, e elle mandou ao chauffeur que seguisse para o Governo Civil.

No trajecto para ali, contou-me França Borges que uma conhecida gatuna tinha ido ao Governo Civil denunciar um grande complot monarchico, effectuando-se as reuniões n'uma casa da rua Motta Veiga, onde havia muitas bombas; sendo uma da altura d'um metro, para ser n'aquelle dia, lançada na Penitenciaria, com o fim de soltar os presos politicos que lá se encontravam.

Disse mais que as bombas estavam no quintal, perto d'uma capoeira e cobertas de palha; e que os monarchicos que as tinham feito, e que frequentavam a casa, eram, na sua quasi totalidade, officiaes do exercito e da armada, e cades de escola do exercito.

Quando, porém, chegámos ao Governo Civil, o referido França Borges foi-me logo apresentar á tal gatuna, que era nem mais nem menos do que a celebre e conhecida Geraldinha 2ª, que se encontrava no

corredor, guardada pelas ordenanças dos officiaes da policia.

Depois de me ser apresentada pelo França Borges a celebre gatuna, e do mesmo me haver recommendado que fosse em companhia d'ella até proximo do predio indicado, recommendando-me também que lhe fosse sempre dizendo pelo caminho que, a ser verdade o que ella diz, não era preciso mais nada para que ficasse riquissima.

Confadida que me foi a celebre gatuna, seguiu com ella, a pé, até ao Rocio, porque o auto já tinha retirado, tomando alli o electrico do Arco do Cego.

Quando, porém, chegámos perto da rua Motta Veiga, apelei-me com a minha amavel companhia e mandei-a adiante até á tal casa, onde, segundo me disse, fazia recados e tratava da criação que lá havia e do quintal, tratando a todas muito bem.

Bateu á porta, e como ninguém respondesse, foi perguntar a uma mercearia que ficava quasi de frente, se lá sabiam onde tinham ido os donos da casa, obtendo como resposta que tinham ido para casa de um major reformado que morava perto ou por cima da esquadra de Arroyos.

Enquanto a gatuna deu estas voltas, fiquei eu a meditar no caso, dizendo para commigo: «Parece impossivel que a cidade de Lisboa tenha por primeira autoridade um homem que se associe a uma gatuna, e, confiado no que ella lhe diz, mande pôr tropas, policia e tudo de prevenção!»

Uma bomba da altura d'um metro, para atirar com a Penitenciaria pelos ares! Só o tal mano Daniel, França & C.ª podiam acreditar n'uma d'estas!

Mas, como a sua sede de sangue era tanta, em tudo elles acreditavam.

Depois, como se tratava de militares, ainda melhor...

Tornou, enfim, a já celebre Geraldinha 2ª, que me veio dizer o que acima já fica exposto, levando-a eu, assim, de novo, para o governo civil, e apresentando-a ao França Borges, que a mandou deitar n'um sofá, onde a gentil dama dormiu até madrugada.

O dito França Borges perguntou-me, então, se ali estava gente para se poder assaltar a casa, depois das huas horas da madrugada, não sendo preciso fazer barulho, pois que para o quintal onde estavam as bombas, se podia saltar por meio de uma escada.

A isto respondi-lhe que estava ali *fukano, beltrano e cicrano*, e que podiam ir elles. O França chamou-os, combinou o assalto, e, para lá marchou com elles de automovel, enquanto eu fiquei no governo civil a guardar a gatuna.

Era madrugada quando elles regressaram, trazendo um, por signal, um pão de kilo.

E' claro que lhes perguntei logo como o caso se tinha passado e quaes as bombas que foram encontradas.

A resposta que obtive foi esta:

Que tendo saltado dois, primeiro d'uma escada da Companhia do Gaz, para o quintal, ali não haviam encontrado, nem bombas nem palha, nem coisa que se parecesse. Como estivesse uma padaria aberta, afim de entreterem os moços, tinham ido para lá outros dois *formigas*, tendo comprado um pão de kilo e travado conversa com elles, enquanto os outros, capitaneados por França Borges, devassavam a propriedade alheia, por indicações de uma simples gatuna!

E, assim, é a ordem d'uma creatura d'estas, se incomodaram tantas pessoas, fazendo se estar regimentos e policia de prevenção!

Daniel Rodrigues ladrão

Contra Daniel Rodrigues, ex-governador civil, já se tinham provado todas as infamias. Agora, accusam-no de ter roubado um manuscrito ao sr. Antonio de Albuquerque.

A este proposito lemos na Republica:

DANIEL RODRIGUES ACUSADO DE FURTO

... que eu, além de tudo quanto há horivel, sou gatuno, porque me aposei, quando governador civil de Lisboa, dum manuscrito.

(Daniel Rodrigues, em carta inserida no «Mundo» de 23 de corrente)

Pouco durou o postigo arranco com que o *Mundo* órgão officioso da formiga branca e dos cavalheiros de Rodam, veio a terreiro em defeza de Daniel Rodrigues, senador da Republica, magistrado judicial e ex-governador civil de Lisboa quando Affonso Costa presidia um ministerio, e que nós apresentamos ao publico como tendo sido accusado em juizo do furto dum manuscrito avaliado em 500 escudos e que elle proprio, qual se vê pelo trecho da carta que acima reproduzimos, a si proprio se classificou de gatuno. Com effeito, o *Mundo*, que na vespera a esse caso dedicava nada menos de dois sueltos na sua primeira pagina, já ontem relegava confundidamente o assunto para a terceira, dedicando-lhe apenas umas mal mastigadas linhas... Compreende-se essa confusão da despejada gazeta do *bêco dos Borges*, como diz o grande poeta Junqueiro, quando se repara que, na vespera, pretendendo defender Daniel Rodrigues, ainda mais o compromete, dizendo e desdizendo como é proprio da sua desfaçatez congenita e da sua acanhada mentalidade. Porque o *Mundo*, no seu sueltito intitulado *Os seus expedientes* afirma que Daniel Rodrigues, como governador civil, mandara apreender o manuscrito em circunstancias especiais, noutro sueltito intitulado *Sempre a mentira!* — logo se desmente a si proprio dizendo ser falsa que o sr. Daniel Rodrigues, quando governador civil houvesse mandado apreender o tal manuscrito, pois que a apreensão fora feita espontanea e legitimamente pelo administrador de Cintra, ao tempo um *intelligente e pundonoroso republicano*.

Quer dizer que tanto o *Mundo* como Daniel Rodrigues têm tanta consciencia da legitimidade da apreensão do manuscrito furtado que já procuram lançar, desnorreados, a responsabilidade do facto sobre o sr. Lucio de Azevedo, ac-

tual deputado democratico e que ao tempo era administrador de Cintra e... *intelligente e pundonoroso republicano*, como diz o *Mundo*, e o qual descreto agora deixou de possuir esses honrosos caracteristicos depois de ter declarado ao auctor do manuscrito que a apreensão ou o furto foi ordenado por Daniel Rodrigues!

A desastrada intervenção do *Mundo* nesla questão serviu apenas, como se vê, tal como sucedera já com a nota officiosa do Governo que nós continuamos a considerar apocrita por honra e vergonha do mesmo governo — para maior realce trazer á necessidade de se fazer luz sobre esse escandaloso successo, dando seguimento á queixa que o dono do manuscrito apresentou em juizo contra Daniel Rodrigues, considerado como gatuno, na propria definição adoptada para si mesmo pelo proprio Daniel Rodrigues. Por que a intervenção do *Mundo* não nega que haja furto, a que se chama *apreensão*; apenas procura lançar a duvida sobre quem seja o *gatuno* ou o *apreensor*, ou melhor, a quem caiba a responsabilidade directa e unica do furto ou da apreensão — se ao senador Daniel Rodrigues, se ao deputado Lucio de Azevedo.

Ora a quem compete averiguar se houve furto ou apreensão legitima ou illegitima? Evidente que ao poder judicial perante o qual o dono do manuscrito avaliado em 500 escudos apresentou uma queixa em forma e nos devidos termos, com indicação de testemunhas, etc.

Succeda, porém, que o *Mundo* asseverava ante-hontem que nenhuma queixa fora apresentada em juizo accusando Daniel Rodrigues de furto, isto mau grado nós termos publicado o teor da mesma queixa no dia seguinte áquella em que ella foi apresentada, sem que então o *Mundo* ou em qualquer outra gazeta houvesse apparecido qualquer desmentido a esse facto, sendo preciso que nós frizassemos o facto para que o desmentido surgisse, acompanhado das atrapaalhadas razões que deixamos sumariadas e que mais complicam a situação do indigitado auctor do furto indicado pelo dono do manuscrito na sua queixa á justiça.

A carta, porém, que ontem inserimos do queixoso veio dar a essa affirmação do *Mundo* um singular relvêo, porque o queixoso afirma que o empregado do tribunal a quem elle entregou a queixa a entregara por sua vez ao delegado Henrique de Vasconcelos que a metera no bolso, não lhe dando depois seguimento algum. O facto é gravissimo, pois que o procedimento do sr. Henrique de Vasconcelos conjugado com a affirmação do *Mundo* representaria uma verdadeira sonegação e um abuso inqualificavel e que só se explicaria pela certeza da impunidade no magistrado que a cometeu.

Demais, acrescento a circumstancia de ser o *Mundo* um jornal democratico, e de democraticos serem o arguido do furto e o magistrado que recebeu a queixa, e ainda parlamentares do mesmo partido politico, isto é, ambos *cavalheiros de Rodam*, teriamos assim mais uma escandalosa confirmação daquella teoria apregoada no celebre banquete dos cavalheiros ao seu confrade Germano Martins, sócio no escritorio forense de Affonso Costa e director geral do ministerio da justiça, quando António Macieira desfraldou o pendão da malta com o lema: *Um por todos e todos por um*.

Mostra ainda isto que os cavalheiros de Rodam, na necessidade de uma defeza comum, se escalonaram estrategicamente, nos pontos que mais convenientes e mais seguros consideraram para a sua defeza e para os seus ataques nos tribunales e nos proprios gabinetes dos ministerios. Outra coisa não mostram os factos da sonegação da queixa pelo delegado Henrique de Vasconcelos e a nota officiosa do ministerio do interior.

Asqui está, pois, um facto para o qual chamamos a atenção do sr. ministro da justiça e que bem idóneo é para que sua ex. pudesse iniciar a acção moralizadora nos servicos do seu ministerio, que, confiadamente e anciosamente, de sua ex. aguarda a opinião publica tão cavilosamente ludibriada pelos seus antecessores naquêllo ministerio...

BANDARRAS

Lemos no *Primeiro de Janeiro*:

Sem, por ora encher columnas com as razões que ha para chegar á conclusão de que nem a Allemanha, nem a Inglaterra, nem a França querem guerra, basta só, recordar nas columnas do «Primeiro de Janeiro» que nenhuma d'ellas quer, nem val forçar uma situação que a comprometta. Para estas tres, ou ao menos para duas d'estas tres nações, era a ruina temporaria do seu commercio e do trabalho de muitos annos no desenvolvimento das suas industrias.

Estão jogando uma partida em que as cartas de cada parceiro são conhecidas dos outros dois...

NAO HA GUERRA EUROPEIA

A Russia tinha de fazer o que fez, e o que fez com reserva. Enquanto as declarações do previdente czar Nicolao II, de «que o estado de tensao, que nem durado sete annos, tinha de acabar», essa declaração encontra eco, não só em Francisco José d'Austria, mas também no kaiser allemão, pois poderia as palavras do czar ser interpretadas de muitas maneiras, quando se queira advogar a favor da paz.

Não só não ha guerra europeia, mas até a guerra que já está acesa mais uma vez nos Balkans, depois do sacrificio de algumas ou muitas vidas, ha de ser decidida por arbitragem, e ninguém terá mais empenho em que a paz venha do que o autocrata das Russias e o velho e cansado Francisco José d'Austria.

Não ha duvida. Boa prophcia!

Ler e fazer ler
É um serviço á boa causa.
É um acto de patriotismo.